

ESTEVIÃO CARLOS TAUKANE  
DARLENE YAMINALO TAUKANE

CEDI - P. I. B.
DATA 21/07/94
COL BADO 21

**EGÁ KURA WAUNLO XINA**  
**VEJA NOSSO POVO , SOMOS ASSIM**

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
DEPARTAMENTO DE ARTESANATO E  
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

Brasília, 1993



Capa: Helineusa Sampaio

Foto: **Anna M. Ribeiro Costa**

IMPRESSÃO

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO DA FUNAI

SEUPS Quadra 702 Sul, Ed. LEX, 1º Andar

CEP: 70.330 - Brasília-DF

## **AGRADECIMENTOS**

O MUSEU KUIKARE agradece à  
Fundação Nacional do Índio, que,  
através do PROGRAMA ARTÍNDIA,  
abriu mais este espaço para a  
divulgação do trabalho de resgate  
cultural do POVO BAKAIRÍ.

## SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Histórico Bakairi.....	9
Mito de Origem.....	13
As Máscaras Sagradas - Yakuigade.....	15
Bibliografia.....	19

## APRESENTAÇÃO

Norteados pela premissa de preservação e recuperação dos valores culturais das sociedades indígenas do Brasil, o PROGRAMA ARTÍNDIA vem apoiando as iniciativas que buscam motivar as comunidades indígenas ao fortalecimento de suas etnias.

Tal apoio vem permitindo a realização de pesquisas, registro fotográfico e aquisição de peças que revelam aspectos significativos da história, da cultura e do acervo material que compõem o universo de cada um desses povos.

Em Brasília, durante as comemorações ao Dia do Índio, em abril, é realizada a Exposição-Feira de Artesanato Indígena (MOITARÁ), que mostra, este ano, o POVO BAKAIRÍ, como resultado do esforço dos índios do rio Pakuêra, que idealizaram o trabalho de campo, confeccionaram as máscaras e participaram da montagem da exposição. Nos meses de estiagem, homens, mulheres, crianças, anciões e pajés dedicaram-se às festas de homenagem à natureza, elaborando a cada fase as indumentárias rituais que serviram às encenações e coreografias que revelam o seu mundo mágico-religioso.

Todo esse empenho foi, certamente, motivado pela criação do Museu-Oficina Kuikare, em 1987, na aldeia Pakuera, concebido com a preocupação de manter viva a chama de ser e continuar Kurá ou como povo culturalmente diferenciado da sociedade brasileira. Para eles, o Museu é um projeto de vida e que encontra nos eventos como a Exposição de Artesanato Indígena o reconhecimento de sua importância.

## HISTÓRICO BAKAIRÍ

O povo indígena mais conhecido atualmente como Bakairí, pertence à família lingüística karib, segundo especialistas do setor. Mas a autodenominação tradicionalmente utilizada na aldeia é Kurá significando memória, chão, gente, povo, nação, etc. Segundo as pesquisas levantadas pela antropóloga da Universidade Federal do Mato Grosso, Edir Pina de Barros, o etnônimo Bakairí foi registrado pela primeira vez em 1723 por Antônio Pires de Campos, preador de indígenas para escravidão. É de origem desconhecida e não faz parte do léxico da língua que falam, ainda de acordo com os estudos da mesma pesquisadora.

Este povo de tradição estratégico-guerreira, que se orgulha por considerar-se "filhos do sol", pertencentes ao Reino Yakuigade (máscaras sagradas entalhadas em madeira), pode ser encontrado em duas áreas: Posto Indígena Pakuêra e Posto Indígena Santana, ambos com localização no Estado de Mato Grosso, região centro-oeste brasileira. A população Bakairí hoje, englobando habitantes das duas áreas referidas conforme os dados mais otimistas, está estimada em torno de 700 pessoas. Na área do Posto Indígena Pakuêra, distante apenas 130 km da sede municipal de Paranatinga, onde se localiza, vivem cerca de 500 índios dessa nação. A capital do Estado (Cuiabá) dista 530 e 300 km, respectivamente, por estrada de terra. Viagens rápidas, de no máximo 70 minutos em aeronave de pequeno porte, podem ser previstas, já que ali existe pista de pouso com 1000 metros de extensão, em permanente estado de conservação. A dimensão desta área é de 61.405.4605 ha. Já no Posto Santana, a cem metros de distância do P.I Pakuêra, no município de Nobres, são encontrados mais 200 índios, cujas terras regularizadas somam 35.670,744 ha.

A história dos primeiros contatos e experiência Bakairí com a sociedade envolvente é registrada em 1738 nas minas de Mato Grosso, no Vale do Guaporé, na condição de escravos, e, posteriormente, na região de Diamantino (1805/1850). A expansão da pecuária e da agricultura, atividades subsidiárias à exploração mineral, alcançou aqueles que passaram a viver às margens do Paranatinga. A partir de 1847, os Bakairí de Paranatinga iam juntamente com os de Santana a Cuiabá, na Diretoria Geral de Índios da Província, em busca de ferramentas, tecidos, armas de fogo, etc. Eram considerados "mansos", porém "independentes", pelo Diretor Geral, em 1848, ainda que mantendo relações com os colonizadores. Posteriormente, os de Santana engajaram-se nas atividades extrativistas da borracha que, em 1887, iam comercializar em Cuiabá. Os de Paranatinga foram explorados também na lavoura e criação de gado nos estabelecimentos que, de forma lenta, mas definitiva, foram implantados na região que ocupavam.

O Governo Estadual instalou, em 1905, entreposto nas áreas Bakairí, com a finalidade de ordenar a ocupação e a exploração de seringas nativas. Contudo, a presença dos seringalistas, e a passagem do cientista e explorador alemão Karl Von Den Steinen, alteraram profundamente a vida dos indígenas.

Os Bakairí de Santana, que em 1884 somavam 55 indivíduos, passaram a trabalhar compulsoriamente na extração de borracha, até mesmo em suas próprias terras, sofrendo todos os tipos de

violência e aviltamento típicos desta atividade econômica, tendo sido proibidos de falar a sua própria língua. Tal situação permaneceu até a década de 70 deste século, quando conseguiram expulsar os invasores, levando os seringalistas que se instalaram em área contígua a venderem a propriedade para os paulistas, que nela passaram a desenvolver a pecuária intensiva. A criação do Posto Indígena em 1965 em nada alterou este quadro, pois seus funcionários se aliaram aos seringalistas e seus capatazes. O Summer Institute Of Linguistics, a partir de 1968, se fez presente ali de forma intermitente, do mesmo modo que os missionários da Missão Anchieta, a partir da década de 70.

Os resultados dessa história de contato cuja tônica configurou-se na violência, expressaram-se no maior número de casamentos com não-indígenas; desequilíbrio populacional em termos de idade e sexo; de população; abstenção de falar a língua diante dos Karáíwa; e ausência da ação efetiva de xamãs e conseqüentemente de inúmeros ritos, tendo sobrevivido a Festa do Milho. Preservam, contudo, várias características recorrentes aos demais a nível da organização social. Todos dominam o português, mas na vida cotidiana falam sua própria língua.

Quanto aos que se estabeleceram junto à bacia do rio Teles Pires ou Paranatinga, foram reduzidos por fortes epidemias, somando, em 1884, 22 pessoas. Eles foram os guias, os remadores, os construtores das canoas de casca de jatobá nas expedições de Steinen (1884/1887), assim como das outras que as sucederam, restabelecendo-se, através delas, as relações entre estes e os Bakairí alto-xinguanos, denominados por Steinen "Orientais", em oposição aos "mansos" ou "Ocidentais". Como os demais povos alto-xinguanos até então igualmente desconhecidos, usavam o machado de pedra e não mantinham contato com os neo-brasileiros. Viviam em vários grupos locais e somavam cerca de 326 indivíduos, aproximadamente 80% da população levantada por esse expedicionário. Uns e outros passaram a se visitar.

Apartir de então é colocado em prática um plano de ação para atrair para o rio Paranatinga todos os povos alto-xinguanos. Foi com esse objetivo que se demarcou a Área Indígena Bakairí, em 1920. Nessa ocasião, as terras ocupadas por um grupo liderado pelo Tuxaua Kuikare, que se destacou por sua participação nas expedições de Steinen e nas seguintes, situadas à margem esquerda do rio Paranatinga, foram deixadas fora dos limites estabelecidos. Nesse ano foi implantado o Posto Indígena e construída a primeira escola, mas, somente os Bakairí se deslocaram definitivamente para esse local, tendo o último grupo aí chegando em 1923. Reduzidos por epidemias, os sobreviventes se reorganizaram em vários grupos locais. Eles foram submetidos à servidão pelos próprios agentes do Serviço de Proteção aos Índios. Além de seus roçados, passaram a trabalhar nas "roças do posto" na transformação (farinha, rapadura, açúcar, etc) para seu sustento e dos xinguanos que aí vinham à busca de "brindes". Como tropeiros, perfaziam o caminho Posto-Cuiabá-Posto, transportando "brindes" e mercadorias. Do posto também partiam tropas para pontos estratégicos da região, destinados à "atração" de outros povos indígenas. É o caso dos Postos Indígenas Pedro Dantas, José Bezerra, Culisevu, Pirineus de Souza e Major Libânio Coloizerecê. O movimento de tropas decaiu somente com o próprio declínio do SPI.

Além dos funcionários, fizeram-se presentes missionários da South American Indian Mission, a partir da década de 20, buscando convertê-los ao protestantismo, retirando-se dali na década de 60 por pressão dos próprios Bakairí.

Por ordem dos agentes do SPI, em 1942 os diversos grupos locais foram aglutinados em um só aldeamento ao lado da sede do Posto, localizado próximo à confluência do ribeirão Azul com o

Paranatinga, onde ainda hoje se situa. Nessa época, Kuikare já havia morrido e seu grupo também foi forçado a se mudar dentro da área, onde juntou-se aos outros. Em 1960, o Governo Estadual promoveu uma nova demarcação de terras, subtraindo-lhes a área conhecida por Paxola, ocupada até 1942 por um grupo. Nela existiu, até 1958, um retiro de gado do SPI, onde eram tratadas 1.000 cabeças das 5.000 que aí chegaram a existir.. O regime de trabalho compulsório apenas sucumbiu com a decadência do SPI. A esse período os Bakairí se referem como tempo da escravidão, marcado pelo rígido controle de suas vidas, pelo exílio compulsório, pelos castigos aplicados aos "infratores" da ordem estabelecida e pelo assassinato de alguns de seus parentes.

Participaram também os Bakairí, da "atração" dos Xavante contactados no rio Batovi. Uma parcela dessa população recém- contactada terminou por instalar-se na área destinada aos Bakairí, onde chegou a ser implantado o Posto Indígena Paraíso, exclusivamente para atendê-los. Na década de 70, esses Xavante, numericamente iguais aos Bakairí, retiraram-se da área.

Nas décadas de 60 e 70, a atuação de missionários do Summer Institute of Linguistics foi significativa, e os Jesuítas também se faziam presentes na área, de tempos em tempos. Os primeiros buscavam convertê-los ao protestantismo e os segundos ao catolicismo.

Os Bakairí viviam de seus roçados, da caça e da pesca, e da venda de sua força de trabalho nos estabelecimentos rurais da região, tal como os de Santana. Eram tidos como "mansos", peões de fácil trato. Em 1978, perplexos, tomaram conhecimento do "Projeto de Emancipação". Por entenderem que seriam considerados "peões" e "mansos", decidiram não mais vender a sua força de trabalho nos estabelecimentos agropecuários. Na área indígena Bakairí (Pakuêra) retomaram um ritual denominado lakuigade, com suas máscaras entalhadas em madeira, e convidaram autoridades da Funai, jornalistas da imprensa falada e escrita para assistirem a sua apresentação. Os jornalistas se encarregaram de divulgá-lo a nível regional. Dessa forma, buscaram afirmar a sua indianidade.

Mas não só, pois o realizaram quatro anos consecutivos. No decorrer desse período, fizeram apresentações nos espaços públicos de Cuiabá, na Semana do Índio. Passaram também a reivindicar soluções para as suas terras invadidas, e, na área Bakairí, a reintegração de Paxola, que lhes fora subtraída em 1960. A partir de então passaram a lutar de modo veemente pelo estabelecimento de relações justas e dignas.

Em 1980, ambas as áreas foram incluídas na região de influência da BR-364. Com isso, passaram a ser alvo de Projetos de desenvolvimento comunitário financiados com recursos do Banco Mundial, porém elaborados e aplicados pela Funai.. Através deles foram introduzidos tratores, caminhões, sementes, implementos agrícolas. A falta de orientação técnica, somada à pobreza de solos e à infestação de gafanhotos, resultaram no insucesso quase que total das lavouras mecanizadas.

Na área Bakairí, a implantação desses projetos sem levar em consideração a sua organização social, levou um grupo a se retirar, fundando uma nova aldeia dentro da área. Por não aceitar ingerências da chefia do posto da Funai (que ainda não era membro da comunidade), esse mesmo grupo foi aliado de seu direito de acesso aos recursos do Polonórqueste. Recorreram então à OXFAM, que financiou dois pequenos projetos por eles mesmos elaborados e negociados.

No início de 1985, os Bakairí dessa área conseguiram afastar o chefe de posto não-Bakairí, assumindo um deles essa função. Ano marcado de luta pela terra, reconquistaram Paxola, considerada como área indígena por Decreto Presidencial, assim como as delimitadas pela demarcação de



60 - e pela segmentação do "aldeamento" em vários grupos locais hoje existentes. Cada qual possui o seu próprio líder e conta com projetos específicos que, embora de menor porte, atendem mais de perto às suas reivindicações e necessidades. Paralelamente à dispersão, as atividades rituais se intensificaram, principalmente na aldeia central.

Na vida cotidiana a língua falada é a nativa, e através dela é que as crianças são socializadas. Buscam, hoje, apropriar-se de sua história, preservar a memória social, ensinar aos mais jovens seus mitos de origem, recuperar lembranças e repassar para eles suas técnicas de confecção de trançados, de máscaras rituais, de pinturas corporais, sua ciência, enfim seu universo cultural.

**ESTEVÃO CARLOS TAU Kane** - membro natural da Nação Indígena Bakairí é atual Secretário- Geral da Associação Kurá-Bakairí.

## MITO DE ORIGEM

No salto Sawâpa, o berço místico de origem, aqui os personagens principais são os pajés. Até hoje eles são intermediários, possuidores de faculdades sobrenaturais de ouvir e conversar com as entidades espirituais. Casualmente, um deles teria ido pescar ou estava simplesmente entregue à contemplação espiritual. Ao entardecer, quando os últimos raios solares desapareciam no poente, o Pajé descia às margens do rio para pescar, tendo um remo numa mão, arco e flecha na outra. Lá estava ele, remando tranquilamente, mansamente, tudo muito silencioso em sua volta. De longe apenas se ouvia ruídos dos pássaros que se acomodavam em seus ninhos. De repente, seus pensamentos foram interrompidos e atraídos por um canto tão misterioso, que não sabia exatamente de onde vinha: das profundezas do rio, da terra, ou este canto tão bonito, tão significativo estaria tão próximo dele? Realmente, era um canto muito bonito, jamais ouvido antes. Assustado, remou devagarinho até a outra margem do rio. Correu às pressas ao pátio da aldeia, pois precisava confidenciar a alguém. Como já anoitecia, não encontrou ninguém na casa do Kadoete - a casa-dos-homens. Foi procurar e contar para o outro Pajé o que havia acontecido. Juntos, combinaram que seria o segredo dos dois. No dia seguinte, retornaram ao local no intuito de ouvir mais o canto misterioso. Chegando lá, tiveram muito mais surpresa e emoção, ao encontrar heróis místicos, os Yakuigade dançando e cantando os seus cantos tão hilariantes na praia, os Kuamby, que faziam festa, gracinhas e se comunicavam através de gestos.

Ficaram parados, extasiados por um momento os visitantes. As entidades tinham forma de peixes. Os índios tiveram mais surpresa ainda, quando um deles aproximou-se e perguntou: "Quem são vocês? O que estão fazendo aqui?" Aí, um dos Pajés respondeu: "Nós somos Kurã, somos os homens terrestres". Meu companheiro foi atraído por um canto muito bonito e nós viemos ver quem é que estava cantando. Então o Nuianany - a máscara - respondeu: "Nós somos os Yakuigade, foi nosso canto que atraiu o Pajé. Convidamos vocês para participarem da nossa festa.

Os Pajés não sabiam seus cantos nem suas danças, mas passaram a morar com os espíritos sobrenaturais para fortalecerem seus conhecimentos.

Passaram-se muitas luas e os Pajés já pensavam em retornar à aldeia de origem. Em troca da receptividade e afabilidade demonstradas pelos entes espirituais, retribuíram convidando-os para visitar a aldeia terrestre. O convite foi aceito por todos, mas com a imposição do chefe geral dos Yakuigade, o Nuyanani, ao emergir das profundezas do rio, de que os entes sobrenaturais não tivessem envolvimento com os seres humanos, principalmente relações sexuais.

Apartir de então, a comunidade passou a conviver diretamente com eles. Conviveram por muito tempo, até que, um certo dia, um dos espíritos-peixes apaixonou-se por uma mulher da aldeia. Para sua infelicidade, essa paixão foi logo descoberta. Numa noite em que dançava, o mascarado foi namorar. Dançou a noite inteira, e, quando ele retornava para a casa do Kadoete para tirar a máscara que usava, percebeu que a máscara já havia aderido a sua pele. Chorou desesperadamente. Descontentamento e revolta tomam conta no espaço do Kadoete. Todos começam a questioná-lo. O

mascarado não tinha outra saída senão contar a verdade. Não queria entregar a pessoa amada, porém, confessa que tinha paixão por uma mulher da aldeia. Ambos, de dois mundos diferentes, teriam violado a imposição dos Yakuigade. A comunidade inteira fica sabendo e todos são convocados para presenciarem e testemunharem o que pode acontecer com um mascarado e uma mulher quando desobedecem. Ele, teria o rosto colado à máscara pelo resto da vida. Ela, obrigada a manter relação sexual com os demais espíritos-peixes e com os homens da aldeia veio a falecer. Teriam que sacrificá-la, para que a geração Kurâ não sofresse a maldição, o extermínio.

Entristecidos e envergonhados, aos Yakuigade só restava o retorno à aldeia de origem. Antes deles partirem, deixaram aos nossos ancestrais os seus pertences como prova de amizade, prometendo visitas temporárias, que seriam solicitadas somente através dos Pajés. Assim, ficou estabelecida a relação do homem Kurâ com os sobrenaturais, permanecendo para sempre a memória, o Yakuigade como o ritual, a mais bela de todos os tempos, a mitologia dos Bakairí.

## AS MÁSCARAS SAGRADAS - YAKUIGADE

Atualmente, a organização do ritual Yakuigade envolve a participação de todos, principalmente do Pajé, uma vez que exerce o poder espiritual respeitado por todos, atuando como conselheiro em relação aos assuntos sagrados. Está ao encargo dele invocar os espíritos sobrenaturais e trazê-los à aldeia. Ao entardecer, durante duas semanas, acompanhados pelos homens, vão em direção do rio e clamam por suas vindas, fazendo pedidos e promessas de bom relacionamento e boa hospedagem durante suas estadias na aldeia.

O papel fundamental do "Iwimâry" - o cacique, é assumir a direção e organização como anfitrião cerimonial, líder atuante, político e que promove e exerce influência no comportamento dos mais jovens que incorporam as máscaras durante as festividades dos Yakuigade, orientando-os como devem se comportar diante da comunidade e dentro do ritual.

Para os Otiôdos - os donos das máscaras, está reservada a tarefa de alimentar, de confeccionar as vestimentas, chocalhos, corte da madeira para a fabricação da máscara, o entalhe, a pintura e a arte final de cada peça.

A participação dos dançarinos mascarados requer o conhecimento das cantigas mitológicas, comportamento limitado dentro do universo Yakuigade, assumindo assim uma personalidade diferente: passam a ser conhecidos pelo nome daquela máscara que usam.

A fase de preparação da festa é iniciada com uma caçada coletiva dos homens. Essa caçada geralmente dura uma semana. Enquanto isto, as mulheres que permanecem na aldeia promovem "Arico", que tradicionalmente é a dança das mulheres. Dentro do Arico as mulheres fazem mutirão, encarregadas que são da limpeza do pátio da aldeia para receberem a visita do Yakuigade. Criam um clima de confraternização e solidariedade entre elas, ajudam na fabricação da massa de mandioca para beijú, farinha e outras atividades domésticas.

Quando os homens chegam da caçada, seguem na direção da Casa-dos-homens, local sagrado que abriga os objetos do ritual. O acesso é proibido às mulheres, que ficam apenas nas imediações. Lá, os homens vão amontoando a carne moqueada da caçada e peixe assado para serem distribuídos às mulheres como forma de agradecimento pela limpeza do pátio. Ali são partilhados a carne e o peixe a todas as mulheres presentes em clima de festa.

No dia seguinte, amanhecem num clima de muita alegria, expectativa; quase ninguém dorme direito, com muita gente disputando tomar banho durante a madrugada, pois todos querem purificar-se nessa espécie de ritual coletivo de pessoas de todas as idades. As mulheres também acordam cedo para preparar alimentos que são servidos como oferendas durante o ritual.

De longe, são ouvidos os gritos do cacique, que anuncia a chegada da hora, quando devem estar preparados, contribuindo para o sucesso da festa. Enquanto vão se reunindo em frente da Casa Sagrada, lá dentro cada membro participante recebe cerimonialmente sua máscara e indumentárias das mãos de seu Otiôdo. Cada Yakuigade procede, antes de sair o Ájitajido, a um ensaio de

canto, que identifica a entidade representada. Após a ordem de apresentação, o cacique determina àqueles donos que tenham uma flecha, para ficarem do lado e receberem suas máscaras. Eles formam alas, juntamente com um grupo cerimonial que não é dono das máscaras mas que está ali para prestigiar e desejar boas vindas juntamente com a comunidade.

As máscaras se apresentam dançando, cantando e, ao mesmo tempo, marcando o ritmo ao som do chocalho, apresentando-se em dupla.. Logo após, as máscaras vão, uma a uma, para a casa do seu Otiôdo para buscar suas oferendas. Lá são recebidas pela mulher do Otiôdo que é considerada também a dona da máscara. Esta, deseja boas vindas, garantindo que vai cuidar da indumentária como se fosse um filho muito especial, o que é respondido apenas com um grito característico emitido pelo mascarado. Na sua trajetória, as máscaras vêm cantando e dançando em direção à casa do Kadoete. Ali, as comidas são distribuídas para todos que estão lá dentro, enquanto os demais membros trazem suas oferendas para serem divididas e consumidas no pátio do Kadoete. O momento é de confraternização.

No dia em que as máscaras chegam, os membros da aldeia dançam e cantam os seus cantos de boas vindas, felizes por estarem reunidos, proferem palavras de gratidão à mulher do seu Otiôdo, que cada máscara adota como se fosse a verdadeira mãe.

Há, por ordem, vinte e duas máscaras: Nuyanani - Numital - Tânupedi - Mapabalo - Nueriko - Wyli - Makuala - Kualowi (esse são os Kuamby) - Matola - Yakua - Papa - Maekori - Mityiéri - Natunia - Menchu - Panrê - Kakaia - Tollem - Pili - Nawiri - Semw - Kuna-hú - esses são os Yakuigade.

Yakuigade é o termo usado para todo o conjunto das máscaras, inclusive as máscaras retangulares, diferenciadas, ovais, que são os Kuamby, os espíritos brincalhões. Nuyanani, por exemplo, é considerado o chefe geral dos Yakuigade, tendo por incumbência efetuar todo o compasso da dança e organizar o roteiro a ser percorrido no momento do ritual, quando eles passam de casa em casa. Durante a noite, quando o Yakuigade está dançando, os Kuamby devem estar sempre por perto. Em geral, promovem animação na aldeia, comunicam através das mímicas, e correm pelo pátio, buscando comida ou simplesmente fazendo brincadeiras e amedrontando as crianças, sendo muito queridos por todos.

Dentro do ritual existem dois momentos importantes: lemaquely e Adakuily. lemaquely - são as críticas às mulheres. Existe maior interesse da parte das mulheres em prestar atenção nos cantos, que são feitos na forma satírica ou de denúncia social, anunciando se as mulheres estão traindo os maridos, as moças são muito namoradeiras ou até mesmo se são preguiçosas. Adakuily - é a busca de alimentos na casa do seu dono, podendo acontecer na parte da manhã e a tarde. O mascarado segue em direção da casa do Otiôdo cantando e dançando, geralmente acompanhado por um menino encarregado de auxiliá-lo conduzindo a comida, e, quando retornam à casa do Kadoete, a comida é partilhada. Como são 22 máscaras, há grande quantidade de alimentos circulando na aldeia.

Existe também dentro do Yakuigade uma paralisação que pode durar o tempo considerado necessária pelos membros. Este intervalo significa que as máscaras estão dormindo, descansando. Nesse período são renovadas as pinturas e as vestimentas, e as mulheres promovem o Ârico, ritual cujo símbolo é representado pelo pedaço de pau com desenho e pintura específicos. Nessa oportunidade as mulheres ganham direito de responder a todas as críticas feitas pelo Yakuigade durante o lemaquely.

É importante para qualquer Bakairí participar do ritual Yakuigade. Ele promove a alegria e a união, sendo considerado uma entidade de grande importância dentro do universo mitológico Bakairí, pois, afinal, é uma entidade organizada e que tem direitos e deveres cumpridos normalmente no ritual.

Nunca um Yakuigade pode conversar ou tirar a máscara durante o ritual. Se, porventura deixar cair alguma indumentária, deve esperar o auxílio dos Kuamby, já que estes devem estar sempre por perto para qualquer eventualidade. Nunca um Yakuigade pode promover brincadeiras como os Kuamby; nenhum membro do Yakuigade pode falar mal de qualquer membro das máscaras e dos donos das máscaras, tendo dever de respeitá-lo como se fosse um deles, merecendo a mulher o mesmo respeito. É proibido qualquer membro do Yakuigade, durante o ritual, manter relação sexual. Quem desobedecer tal recomendação corre risco de ter a máscara colada no seu rosto pelo resto da vida, conforme acreditam os membros da comunidade Kurá-Bakairí. Quando um membro se torna um pai, durante a gravidez da mulher não pode dançar, senão o parto será muito difícil.

Aos membros do Yakuigade é permitido participar de todas as partes do ritual, ajudando nos mutirões; participar das decisões da comunidade; gozarão de bom conceito quando forem criativos na formulação do canto lemaquely; suas identidades são protegidas pela identidade do Yakuigade, mais especificamente pelo lado místico. Estar dentro de um Yakuigade significa desfrutar e sentir-se com uma força sobrenatural.

A duração da estadia dos Yakuigade na aldeia está relacionada com os Otiôdo, dos quais depende para a manutenção das oferendas de todos os dias. Nenhum dono da máscara pode deixar de mantê-los.

No encerramento do ritual é promovida uma caçada coletiva pelos homens, e quando as máscaras dançam a noite inteira, realizando cantos de despedida, com palavras comoventes que deixam muitas mulheres tristes, como se fossem seus filhos que estão de partida, e a quem não verão tão cedo. Chegam a chorar de saudade. A comunidade inteira faz questão de participar do encerramento.

Chega o momento de irem embora, de voltar à sua aldeia de origem. As mulheres se trançam em suas casas enquanto os homens seguem em direção do rio. Lá, as indumentárias são jogadas na água, e as correntezas se encarregam de levá-las para as profundezas.

**DARLENE TAUKANE**

## BIBLIOGRAFIA

### KUIKARE, MUSEU OFICINA

Processo Integrado de Resgate Cultural Bakairi  
Fundação Nacional Pró-Memória  
SPHAN - MINC  
1 9 8 9

### FICHA TÉCNICA:

- \* VILINTA KAIAMALO: Coordenadora do Museu-Oficina Kuikare
- \* GILSON CAUTO: Cacique Geral do Posto Indígena Pakuẽra; Colaborador do texto sobre as máscaras sagradas, referente ao ritual em que as mulheres não participam.
- \* ESTEVÃO CARLOS TAUKE: Secretário- Geral da Associação Kurã- Bakairí, redator do Histórico Bakairí
- \* DARLENE YAMINALO TAUKE: Membro da Comunidade Bakairí e funcionária da Funai; redatora do texto: "As Máscaras Sagradas YAKUIGADE".